

1-16<reinu-bm-at> domingo, 13 de Outubro de 2002 - <reinu-1> [bodymind] -  
tese póstuma - gato das letras - polémica em curso

## *O ORDINÁRIO E O MARAVILHOSO OU A HISTÓRIA DO REI QUE VAI (BASTANTE) NU*

27/4/2002 - Na literatura sobre computadores, aparece com frequência a palavra «interface». Como a informática é uma metáfora da vida e o virtual o outro lado do real, podemos seguir, com alguma segurança, esta pista dos «interfaces» ou das «interfases», pois parece que o termo é híbrido e não tem ainda sexo definido.

Bem vistas as coisas, a Ecologia tardou a surgir no quadro das ciências (experimentais) modernas, talvez por ser uma ciência de interface. Não devemos esquecer que a medicina tradicional chinesa, uma das mais antigas medicinas ecológicas do mundo, aponta para mais de cinco mil anos de existência. De facto, a última coisa que a ciência analítica faz, quando faz, e raramente faz, é procurar os interfaces de tudo o que vai analisando à lupa dos microscópios cada vez mais electrónicos ou na mesa anatómica do laboratório.

Com algum esforço, lá foi sendo admitido pela ciência ordinária que o ambiente tinha efeitos no ser vivo em geral e no ser humano em particular. Para exprimir esta relação intrínseca e estrutural, chegou mesmo a distinguir entre meio exógeno e meio endógeno, proeza notável que se assinala. Especialmente nos casos de ponta, a Ecologia tornou-se por isso mesmo - pelos interfaces que foi obrigada a reconhecer e a estudar, - uma ciência (relativamente) maldita.

O efeito dos produtos químicos na célula viva ainda hoje é tabu (veja-se o caso da iatrogenese médica). E mais tabu seria o efeito das radiações ionizantes, que até não são palpáveis ou visíveis e que até nem são facilmente mensuráveis, exigindo-se um aparelho - o contador Geiger - que deveria ser o aparelho mais frequente e badalado na sociedade radioactiva que temos mas que, curiosamente, é um dos grandes esquecidos e silenciados desta nossa palavrosa sociedade industrial de marketing e de consumos provocantes.

Estamos cercados de radiações, a norte e a sul, a leste e a oeste, à direita e à esquerda, em cima e em baixo, no entanto a polémica sobre se os telemóveis são ou não são prejudiciais à saúde continua até o mercado estar saturado deles. O assunto, entretanto, continua a preocupar muito os senhores cientistas, que não os senhores Belmiros da grande indústria e da grande finança, que nada têm obviamente a ver com os problemas de saúde pública.

Isto vem a despropósito para dizer que mesmo os interfaces mais óbvios têm que se lhes diga. E exigem muitos anos de sábia e rigorosa experimentação confirmativa.

Sempre foi minha convicção que a Ecologia é o óbvio ululante e que o escritor suíço Max Frisch proferiu uma das sentenças lapidares desta época de sombras: «Que triste tempo o nosso em que é preciso lutar pelo óbvio!».

Mas o óbvio do óbvio ainda não tinha entrado em cena. Era o interface mais óbvio de todos, que a Ecologia, mesmo radical e dita profunda, ainda não reconheceu: o interface entre céu e terra, a influência que necessaria e obviamente tem que haver entre o macro

e o microcosmos, o céu e a terra, Deus criador e criaturas criadas. Todo o mundo «civilizado» fugiu disto, talvez porque nas grandes culturas, que foram sempre grandes cosmogonias, era o dado fundamental irreversível, o eixo ou fundamento sobre o qual tudo assentava.

Em compensação, começaram a emergir as ciências de interface tradicionais, já que tradicionalmente o óbvio do óbvio, a relação céu/terra, nunca foi ignorada e foi sempre sabiamente (re) conhecida.

Esta é talvez a grande diferença entre sabedoria e ciência moderna, analítica ou ordinária.

Esta a única e grande polémica que nos honraria alimentar, em vez da pastorícia com que se estão neste momento deliciando alguns dos grandes crâneos da nossa inteligência: o cientista António Manuel Baptista, o editor Guilherme Valente, o sociólogo Boaventura Sousa Santos e o escritor semiótico Eduardo Prado Coelho, que disputam entre si a chegada à meta da mais alta e requintada erudição científica.

A nível da mais alta intelectualidade, é este o espectáculo dado por aqueles que não querem reconhecer o óbvio ululante (o rei que vai nu) e os interfaces dele decorrentes.

A nível mais modesto, entre os cultores da moda esotérica, lá vamos tendo direito a uma astrologiazinha cármica e psicológica, a que muita gente vai aderindo para colmatar o desconforto do vazio, uma magia transformada em espectáculo de palco, uma numerologia voltada para a psicologia adivinhatória, and so on.

E, claro, a Alquimia, que também já tem uma banda de cultores e cultivadores, pesquisando na eterna ambição de criar ouro a partir do chumbo, momentaneamente esquecidos que «chumbo» e «ouro» são metáforas, símbolos, nomes e que a Alquimia tem tudo a ver com a nossa relação primordial, física se quiserem, com o céu e a terra, o macro e o microcosmos, e pouco ou nada com os equívocos a que se devotaram alquimistas árabes e europeus, antes de que Carl Jung viesse pôr alguma (saudável) ordem na ordem estabelecida e aceite. E antes que Etienne Guillé publicasse o livro «L'Alchimie de la Vie», o livro mais importante do século XXI...

A biblioteca de Alexandria foi incendiada pela vadiagem da época, mas não devemos, por causa disso, desistir de reconstruir, grão a grão, livro a livro, o «puzzle» que a vá restaurando na sua traça original.

Para alguma coisa a ciência moderna vai servir:

a) Para já, vai servir para o lixo, tudo o que não for ciência de interface (chega de microscópio electrónico, façam uma folga na catalogação do genoma e vão ver que digerem muito melhor o jantar);

b) Depois, catando no lixo, tentemos encontrar os raros e poucos cientistas encartados da ciência analítica, que estão dispostos, custe o que custar e sob ameaça de torturas por heresia, a fazer as pontes necessárias, ou seja, a estudar os interfaces entre ciências que sabem tudo de tudo até ao pormenor mas não sabem nada de tudo, do todo, da articulação entre essas ciências.

c) É possível que entretanto surjam outras palavras da moda esotérica: holística, por exemplo, mas é certo que holística não adianta grande coisa, enquanto as pontes com a biologia molecular não forem estabelecidas, ou seja, enquanto a ciência do macrocosmos (Astronomia e Astrofísica) não se articular com a ciência do microcosmos (biologia molecular do ADN, onde, ao que parece, dizem eles, está toda a informação da vida, passada, presente e futura).

As pistas, hoje, encontram-se nos itens designados por algumas palavras-chave:

Biocosmologia/Cosmobiologia

Biopsicologia/Psicobiologia

Psicosomática  
Bodymind.

Escusado será dizer que os poucos (cientistas) que se atrevem a caminhar por aqui têm sempre que pedir desculpa aos académicos seus colegas de laboratório ou de Faculdade, antes de ir pedir ajuda aos grandes sistemas cosmogónicos, que felizmente já se encontram à venda entre nós e alguns com sucesso de público:

- a) A cosmobiologia chinesa, advinda do Taoísmo;
- b) A cosmobiologia ayurvédica advinda do hinduísmo
- c) A cosmobiologia egípcia da época dourada, onde provavelmente estará tudo explicadinho, só faltando decifrar alguns hieróglifos.

Não há muito mais a dizer sobre a polémica em curso por causa da ciência, seus limites, usos e abusos, ou sobre uma suposta epistemologia que supostamente teria a missão de criticar a ciência, servindo-se dos mesmos instrumentos que critica.

Nada do que se discute tem a ver com a questão decisiva, com o ser ou não ser deste hamléptico tempo, com o dilema entre o ordinário e o maravilhoso, entre as ciências do ordinário e as ciências do extraordinário (maravilhoso). A questão central é a de paradigma e quem escolhe o (paradigma do) ordinário não pode escolher ao mesmo tempo o paradigma do extraordinário.

Há bons começos para esta mudança de paradigma: a «ciência alargada» como lhe chama Etienne Guillé.

A ciência alargada por excelência que é a Ecologia, também ela precisa de ser alargada, e ter a coragem de incluir, no meio ambiente, o ambiente cósmico e vibratório: conhecido pela ciência experimental desde o século XIX, nas áreas em que a ciência foi dispendo de aparelhos capazes de medir e detectar os diferentes tipos de radiação electromagnética (raios gama, raios X, radiação ultravioleta, luz visível, radiação infravermelha, microondas, televisão, radar, radiofrequências, etc), o espectro electromagnético não esgota o ambiente vibratório que condiciona a vida e os seres vivos.

Ainda há, portanto, muito que estudar das relações entre ambiente e ser vivo, não só no interface do espectro electromagnético, mas aquém e além dele, zonas que só um aparelho pode medir, detectar e captar informações: o ser humano.

Foi esse o contributo de Etienne Guillé, biólogo molecular, para a história da ciência e para o alargamento da ecologia, confinada como está, nestes tristes e poluídos dias, à polémica dos resíduos perigosos. Como se para os resíduos + perigosos ou - perigosos não houvesse há muito solução própria: quem os produz que os coma.

Paço de Arcos, 22 de Abril de 2002

Afonso Cautela

+

<reinu-2> [bodymind] - tese póstuma - gato das letras - polémica - quinta-feira, 2 de maio de 2002

EMENDAS AO FILE <REINU-1>

23/Abril/2002 - Entre as ciências analíticas, será a História onde, apesar de tudo, e de modo ainda legível, se poderá ter uma ideia de conjunto da informação global sobre a realidade.

Nem todas as ciências analíticas são para o lixo. Quando disse «lixo» entendia «reciclagem», aquele pote do computador que permite fazer voltar de novo o file exterminado ao ambiente de trabalho. Algum tempo em «stand by», no entanto, não fará

mal nenhum àquelas ciências da minúcia que, ora com os microscópios, ora com os telescópios, levaram a pulverização (atomização) do real a extremos patológicos.

Agora que tantos avanços a ciência ordinária tem feito no domínio analítico, é o momento de fazer uma pausa para o café e reaproveitar o já sabido para desvendar o ainda não conhecido: o maravilhoso do universo e da ordem do universo.

Como Joel Rosnay preconiza em título do seu livro (« O Macroscópio - Para uma Visão Global», Ed. Estratégias Criativas, Lisboa, 1995) tentemos um pouco mais de macroscópio e um pouco menos de microscópio (ou, já agora, de telescópio). (Ver file <rosnay-1>)

Ou seja: mesmo na ciência ortodoxa, académica e universitária, temos, apesar de tudo, recursos que nos ajudem à globalização necessária ao conhecimento da vida e à vida em movimento ou ao movimento da vida.

Com Rosnay, temos a proposta da Ecologia, mas podíamos apelar também para a história das ideias e para os filósofos: lembremos que, no século XIX, antes portanto do microscópio, os filósofos da vida deram-nas algumas páginas de grande entendimento a que convém sempre regressar, se e quando a febre fascista do genoma e da engenharia genética da clonagem, nos der oportunidade e tempo para isso. Há que resistir enquanto pudermos.

Mas outra ciência de ponta que pode prestar bons serviços é a cibernética.

Curiosamente, um livro muito interessante - «O Romance da Vida», de Albert Ducrocq - é antecedido de um outro título - Cibernética e Universo. Esta «súmula dos conhecimentos que levaram à descoberta do aparecimento da vida, da sua história, do nascimento do homem» oferece-nos, dentro do humanamente possível, uma visão apesar de tudo ainda perceptível, para lá da barreira da linguagem técnica.

É de Albert Ducrocq, no seu livro «O Romance da Vida» ( página 23, da tradução portuguesa), uma sugestiva descrição do que ele chama o «alfabeto biológico», e que define assim:

« Pelo seu número e pela forma como se associam, pode dizer-se que os ácidos aminados constituem um verdadeiro «alfabeto biológico», sendo uma microproteína a imagem de uma palavra.»

E ainda: « O «alfabeto» dos ácidos aminados é judiciosamente empregado, situação esta que confere à linguagem da vida uma espantosa concisão.»

De acordo com Etienne Guillé, o alfabeto ogâmico dos druidas celtas, preserva ainda as informações cósmicas de eras zodiacais em que o número de ouro predominava; é o caso, também, dos gatos e golfinhos: ou das civilizações que ergueram pirâmides como aparelhos de «relais» do homem com o cosmos .

O que eu queria dizer é que, para entender alguma coisa de alguma coisa, teremos de regressar a fases menos sofisticadas da biologia, e calmamente filosofar com os filósofos da vida ou ler histórias das ideias com visões mais panorâmicas, ou autores que se movem naquela zona do entendimento à escala do humano.

A ignorância dos especialistas, diga-se, chega a ser irritante, quando lemos a humildade destes divulgadores dos nossos livros escolares de há 50 e 60 anos (guardo carinhosamente, na biblioteca do gato, algumas centenas desses livrinhos, que decidi coleccionar e qualquer dia ponho na internet para educar as novas gerações, que bem precisam de um pouco de humildade intelectual e nem só).

Acho aconselhável, voltar a ler esses encantadores manuais da nossa escola primária ou mesmo do liceu, onde se descreve, por exemplo, com alguma inocência e maravilhamento, o que é uma célula e como ela funciona.

+

<reinu-3> [bodymind] - tese póstuma - gato das letras - polémica

## O REI CONTINUA A IR NU LINGUAGEM DE GENTE E LINGUAGEM TÉCNICA

Se nos falamos de ácido desoxiribonucleico, de ácidos aminados, de genes de regulação, de genoma, de guanina, de ribose e ribossomas, é muito possível que nada disso nos diga grande coisa. É a opacidade total da linguagem técnica especializada, só para os que comungam dela e para ela têm a chave da decifração.

Mas se nos falamos de relógio biológico, inteligência da célula, actividade eléctrica da célula, teleacção ou respiração do ADN, transportadores de metais, bioritmo, divisão celular ou mesmo bioinformação, alguma informação passa.

É a linguagem de gente que qualquer pessoa medianamente formada entende e que pode servir como base de comunicação.

Os níveis de entendimento abrangidos pela linguagem são, afinal, mais importantes do que os guardiães da linguagem cifrada nos querem, a todo o custo, fazer crer. Uma das razões é que a linguagem técnica cria poder a quem a detém: e quem a detém, usa-a mais para ter e manter esse poder do que propriamente esclarecer ou conhecer as coisas.

Os livros de biologia molecular, como os de física quântica, são, à luz desta dicotomia - entre linguagem de gente e linguagem técnica - ilegíveis para o leitor comum, ou seja, o que não quer conhecer para ter mais poder, mas conhecer por conhecer. Gratuitamente.

A nomenclatura altamente especializada - ou as fórmulas matemáticas - tornam, regra geral, esses textos em incógnitas totais, por mais divulgadores ou vulgarizadores que nos venham «oferecer» uma garantia de acessibilidade às respectivas matérias.

Desde 1972, quando li pela primeira vez «A Alquimia da Vida», de Etienne Guillé, que mantenho uma luta encarniçada com as palavras técnicas da biologia molecular, a que alguns chamam «palavrões». Se fosse pela «biologia molecular» já tinha desistido: mas a palavra «alquimia» que Etienne associa tão estreitamente à vida e à biologia, fez com que não desistisse e insistisse em compreender um pouco melhor os mecanismos e o funcionamento dessa zona do real a que a ciência chama «molécula viva».

E quando, através da radiestesia, Etienne propõe o que ele baptizou de «linguagem vibratória de base molecular», verifiquei que já não podia recuar. Custasse o que custasse, tinha de lá chegar. Há dez anos que estou a tentar lá chegar... E o que hoje vos trago é um pouco do testemunho dessa viagem ao mundo das energias, ao mundo vibratório, ao mundo dos 7 corpos subtis, ao mundo do continuum energético, ao mundo do espectro electromagnético, ao mundo das correspondências micro e macrocósmicas.

Pois se mais nada consegui perceber da linguagem técnica sobre o ADN ou ácido desoxiribonucleico, uma coisa ficou certa: o ADN molecular pode ser identificado como o microcosmos infinitamente pequeno, em que todas as grandes culturas do sagrado têm falado, como termo antagonista e complementar do macrocosmos ou imenso infinito, infinitamente grande.

Voltando a falar d' «Alquimia da Vida»: nunca lera um livro que me abalasse tanto como esse me abalou. Os dados que até então tinha como adquiridos foram subvertidos. Foi um «brain storm» ainda mais cataclísmico que «O Despertar dos Mágicos», nos já recuados anos de 1962 e seguintes. No entanto, 2/3 do livro de Etienne Guillé é a linguagem cifradíssima da biologia molecular: e embora não seja necessário perceber a nomenclatura técnica para apreender as ideias de Guillé e o sentido profundo da sua

mensagem, é evidente que tenho procurado mergulhar nesse pélago de palavras, arriscando-me a perder o pé e a naufragar de vez.

Volto sempre a insistir, repetindo que algum dia hei-de perceber alguma coisa do ADN molecular. Para já, consegui reter uma pequena palavra, talvez porque seja bonita ao ouvido: heterocromatina constitutiva. Mas não só por ser bonita: porque soube no Etienne que os biólogos seus colegas consideram a heterocromatina constitutiva uma zona do ADN molecular sem qualquer função e à qual chamam mesmo, na suprema arrogância que caracteriza a ciência moderna, de «lixo da célula». Pois foi nesse «lixo» que Etienne, com a ajuda do pêndulo de radiestesia, conseguiu descobrir o que é talvez a descoberta mais importante da ciência desde que existe ciência: nessa heterocromatina constitutiva, ele detectou vestígios de incrustação de metais. E quais metais detectou ele? Curiosamente, aqueles mesmos 7 metais que os alquimistas de outrora tinham associado aos sete planetas então conhecidos do sistema solar.

Mas a descoberta de Etienne, biólogo molecular e professor da Sorbonne, não se ficaria por aqui: e, prosseguindo no seu desafio, respeitando sempre os colegas de profissão, ele achou que tinha encontrado aí, na heterocromatina, um segundo código genético, antagonista complementar do código genético até então e até agora conhecido.

O 1º código genético seria o da permanência, o que assegura os sinais distintivos da espécie; e o 2º código genético, a que talvez se possa chamar vibratório, era o código da mudança, da transformação, da transmutação alquímica. Abusivamente, e à minha conta, achei logo que os dois códigos genéticos significariam duas coisas antagonistas complementares: O 1º, prova de que somos filhos do macaco, com muita honra diga-se de passagem; e o 2º, que somos filhos de Deus.

Mais do que isto era pedir a lua e por isso prometi a mim próprio continuar a estudar nos livros de biologia molecular, numa altura em que os ânimos andam exaltadíssimos a exaltar o biofascismo da engenharia genética e o marketing do genoma e respectiva catalogação. Não vá é a gente, por causa disso, deitar a água suja do banho (engenharia genética e clonagem) com o menino lá dentro (ou seja, com o que a biologia molecular ainda nos pode dizer sobre o microcosmos em ressonância vibratória com o macrocosmos.)

Insisto, pois, em os ler, pois quanto mais leio e menos percebo, uma coisa permanece clara: a questão do ADN molecular está no centro da grande viragem de paradigma que se impõe em todos os aspectos e campos da nossa vida individual e colectiva, a começar na medicina que temos (e que aponta para a engenharia genética) e a medicina que queremos (a que aponta para a cura estrutural, cura iniciática e ortomolecular).

A questão do ADN está no centro da viragem para o paradigma macro/microcómico que se impõe. A dificuldade de entender a linguagem cifrada e técnica dos especialistas tem 4 alíneas:

- a) A própria nomenclatura em si, quase sempre código para o leitor vulgar;
- b) Mais complicado ainda, a não articulação ou concatenação dessas informações avulsas, quando só a sua ligação e relação faria algum sentido;
- c) Se, - a partir dos dados adquiridos pela ciência biológica - não avançarmos no sentido vertical dos mundos supernos que a seguir vos irei propor, será o sentido descendente da biologia, que neste momento já entrou no nível dos infernos, quem definitivamente vencerá nesta batalha que é, segundo as profecias, a batalha decisiva ou Armagedão bíblico: perante o inevitável, penso que só nos resta resistir até que nos seja humanamente possível e é isso o sentido da mensagem que hoje vos queria deixar;
- d) Se é a vida que queremos conhecer (e não o Poder que queremos conquistar, ou os lucros que queremos ganhar), essa articulação do particular com o global e do micro com o macrocosmos, torna-se imprescindível, pois, com os dados inertes e mortos,

jamais poderemos acompanhar o movimento e, principalmente, o ritmo que definem a vida .

Esta a dificuldade maior das quatro dificuldades .

Com a biologia molecular dos tratados, a análise microscópica, a atomização dos pormenores e de partes ínfimas do conjunto, é evidente que temos apenas dados mortos. E com dados mortos, julgo, jamais compreenderemos a vida.

O recurso a uma linguagem comum, a que chamei «linguagem de gente », especialmente a metáfora capaz de dar a globalidade holística das situações, pode ser uma maneira, à maneira dos que não são cientistas mas apenas seres humanos. E com muita honra, diga-se de passagem.

+

*<reinu-4> [bodymind] - tese póstuma - gato das letras - polémica inclui outros files como <shen-2> e <shen-0> (parte) - <shen-2> - <bodymind-7> nomenclatura básica de noologia - energias = energias vibratórias = energias ondulatórias*

*ver lista de nomenclatura + completa no file <reinu-5> mas especialmente, no directório [abertos-bm] os files <dgcs-1-> e <agrupas1> - hoje sábado, 27 de Abril de 2002, dou por completa esta lista de nomenclatura sobre*

## BIOINFORMAÇÃO : A a Z

### O MICROCOSMOS EM LINGUAGEM DE GENTE

A Linguagem da Vida

Abracadabra

Adrenalina

Agulha magnetizada

Aliança

Alquimia alimentar

Alquimia da Vida

Análise laboratorial

Antena

Antropogénese

Arcanos maiores

Arcanos menores

Arquétipos do espírito humano

Árvores de Portugal

Astros

Atracção terrestre

Aurora astral

Aurora boreal

Automatismos

Autoregulação

Auto-tróficos

Bioagricultura

Biocatalizadores

Biocibernética

Biocídio

Bioclimatologia  
Biocosmologia  
Biocracia  
Biocronologia  
Bioenergética chinesa  
Biogeografia  
Bioinformação  
Biologia médica  
Biometeorologia  
Bioquímica da iatrogenese (doenças da medicina)  
Bioquímica das emoções e dos sentimentos  
Bioquímica das radiações ionizantes  
Bioquímica do stress  
Bioquímica do trabalho e das doenças do trabalho  
Bioquímica dos consumos tóxicos e perigosos  
Bioritmo  
Bioritmologia  
Biótipos  
Bodymind  
Bússola  
Cadência  
Campo magnético terrestre  
Campo unificado (Continuum)  
Campos de electricidade estática  
Campos de força  
Campos de Morfogénese Cósmica  
Campos electromagnéticos  
Campos magnéticos  
Caos  
Célula  
Cérebro  
Ciclo  
Ciência espiritual (Rudolfo Steiner)  
Cinco esferas energéticas ou 5 elementos da mtc  
Circuito  
Circuitos do cérebro  
Círculo  
Civilizações que marcaram o nosso ADN  
Comprimento de onda  
Comunicação  
Condução do estímulo  
Condutibilidade eléctrica da célula  
Constantes  
Contagem do Tempo  
Continuum energético  
Corpo eléctrico  
Corpo não dorme  
Corpo: físico, etérico e astral (Rudolfo Steiner)  
Corpo: físico, vital e anímico (Rudolfo Steiner)  
Corrente eléctrica

Cosmobiologia  
Cosmogénese  
Cosmoterapia  
Cristal de magnetite  
Cromoterapia  
Cronobiologia (ritmos, ciclos e ondas)  
Curvas  
Datação arqueológica por radiestesia  
Declinação magnética  
Dialéctica  
Dinâmica (Termodinâmica)  
Divisão celular  
Dopamina  
Druida  
Efeito placebo  
Egipto  
Eixo terrestre  
Electricidade  
Electricidade estática  
Electrocardiograma  
Electromagnetismo  
Electromagnetismo  
Elementos  
Embriogénese  
Emoções  
Encefalinas  
Endorfinas  
Engenharia genética  
Entropia  
Entropia/Neguentropia  
Enzimas  
Epigénese  
Escala do tempo e do espaço  
Esferas : física , anímica e espiritual (Rudolfo Steiner)  
Espectro electromagnético  
Espiral  
Espiral logarítmica  
Essénios  
Estímulos sensoriais  
Estratosfera  
Extremely low frequency (elf)  
Feromona  
Fluxo  
Formas de vida/Campos de morfogénese cósmica  
Gato  
Geogénese  
Geomagnetismo  
Geometria genética  
Geotelurismo  
Gnose

Gravidade  
Hélice (dupla) da molécula do ADN em repouso (Crick e Watson, 1961)  
Heliópolis  
Hermes  
Herz  
Hierofania  
Hipófise  
Hipotálamo  
Holística  
Holografia  
Holograma  
Holos  
Homem alado  
Homeostase  
I Ching  
Iman  
Incarnação  
Infinitamente pequeno  
Influências cósmicas  
Informação da vida  
Informação Genética  
Infrasons  
Infravermelho  
Instinto  
Inteligência da célula  
Interações  
Interferon  
Interleucina  
Iões negativos  
Iões positivos  
Ionosfera  
Iridologia  
Jade  
Jejum terapêutico (pausa no organismo para restabelecer a informação correcta )  
Julgamento  
Leit-motiv  
Letra  
Limalha de ferro  
Logos  
Luz  
Luz fluorescente  
Magnetismo  
Magnetite  
Magnetosfera  
Manchas solares  
Mecanismos biológicos  
Medicina do terreno orgânico  
Medicina tibetana  
Megawatts  
Membrana da célula

Membrana do núcleo  
Memória das células  
Memória genética (código genético imutável)  
Mensagens  
Mesosfera  
Metabolismo  
Microondas  
Micro-sons/Micro-ondas/Infrasons  
Microwatts  
Modelo  
Modulação  
Moléculas mensageiras  
Morfina  
Movimento periódico  
Movimento quase periódico  
Musicoterapia  
Mutação/ Transmutação  
Neurobiologia  
Neurose autista  
Neurose totalitária  
Neurotransmissores  
Noogénese  
Norte geográfico  
Núcleo da célula/ Cérebro da célula  
O mistério da dor  
Onda de choque  
Onda hertziana  
Ondas  
Ondas de gravitação  
Ondas de rádio  
Ondas estacionárias  
Ondas infra-sónicas  
Órgãos dos sentidos  
Ortomolecular  
Oscilador  
Osciloscópio  
Osmose  
Pentagrama  
Perfumes/Odores  
Período  
Pilha  
Pituitária  
Placas de Chadni  
Pólos  
Poluição eléctrica  
Poluição eléctrica e Maschiterapia  
Pontos de contacto  
Postos de recepção  
Probabilidades  
Psicogénese (evolução da alma individual)

Psicopedagogia curativa  
Psicosomática  
Psicostasia (vídeo sobre Pasolini)  
Quadrado mágico  
Quântico  
Quilovátios  
Quintessências florais  
Radiondas  
Receptores electro-magnéticos  
Rede de informações (Dr<sup>a</sup>Candace Pert, Chopra pg 78)  
Reflexos condicionados  
Reiki (palavra japonesa que significa «energia da vida universal»)  
Relógio biológico  
Repetição  
Ressonância  
Ritmo  
Ritmo biológico  
Ritmo cardíaco  
Ritmo celular  
Ritmo respiratório  
Roengten  
Salto quântico  
Samuel morse  
Sequência  
Série temporal  
Sinais  
Sinapses  
Sincronicidade  
Sinergia  
Sistema endócrino  
Sistema imunitário  
Sistema nervoso vegetativo  
Sons  
Tarô  
Teleacção ou respiração do ADN  
Teledetecção  
Telepatia  
Tempestade magnética  
Teogonia  
Tolerância à dor  
Tonoscópios  
Trama da vida  
Transportadores de metais  
Trocias intermembranares  
Troposfera  
Ultra high frequency (uhf)  
Ultra-sons  
Ultravioleta  
Verdade suprasensível  
Vibrar

Vírus  
Vórtice  
Voz dos órgãos  
Watson e Crick

+

<reinu-5> [bodymind] - tese póstuma - gato das letras - polémica

Sábado, 27 de Abril de 2002 - Resolvi copiar para a série <reinu-> este file do directório [adn] e que tem a ver com a nomenclatura em ciências da vida, com duas vertentes:

- a) linguagem de gente que a gente entenda
- b) linguagem técnica só para iniciados

Com tempo e paciência, é possível que eu venha a pôr em normando os que aceito como «linguagem de gente» (ver file desta série

+

3198 caracteres <pc-1> pc=palavras-chave <listas> <manual> <grelha> <adn>

## PALAVRAS-CHAVE PARA O CAPÍTULO SOBRE O ADN

Acção/ Reacção

Ácido desoxiribonucleico (timina em vez de uracilo)

Ácido ribonucleico (uracilo em vez de timina)

Ácidos nucleicos

Adenina

ADN (\*)

ADN-metais

Amplificação/ Diferenciação ( 2 das 4 operações da célula)

Análise global dos sistemas (Ludvig Von Bertalanffy)

ARN/ARN(\*) mensageiros = ARN de transfert? = ARN transmissores

Arquetipo

Arquivos

Assimilação

Catalítico

Centrómero

Cibernética

Citoplasma

Citosina

Código de 20 ácidos aminados

Código de 4 letras

Código genético/Código vibratório

Colóides/Polímeros

Complexos ADN interactivos metais

Comunicação

Condutibilidade

Controle topológico da Replicação

Cromatina

Cromossomas do Núcleo

Dialéctica saúde/doença

Diferenciação/ Desdiferenciação  
Divisão ou Mitose  
Electromagnetismo  
Entropia/Neguentropia  
Enzimas = Catalizadores/asseguram ligação entre os 2 açúcares, os fosfatos e as bases  
Espectrofotómetro  
Faculdade de a célula (se)reproduzir = Replicação  
Faculdade de a célula assimilar  
Fermentação  
Formas de vida/Campos de morfogénese cósmica  
Genes de estrutura ou estruturais = tripletos = 40% do ADN total em média = código de base 3  
Genes de regulação = sequências repetidas ou interactivas = código de base 4  
Genoma  
Gradiente  
Grelha personalizada/Grelha dos metais  
Guanina  
Hélice (dupla) da molécula do ADN em repouso(Crick e Watson, 1961)  
Heterocromatina constitutiva = sequências repetidas ou interactivas =  
Holograma  
Informação da vida/ Engenharia genética  
Interacções  
Intermembranares (Trocas) /In put-Out put  
Iões (disponibilidade dos)  
Iónica (força)  
Iónico (Microambiente)  
Mecânica ondulatória/Mecânica Quântica  
Membrana do núcleo/ Membrana da célula/Pele  
Memória das células  
Metabolismo  
Metais na heterocromatina constitutiva  
Microscópio electrónico  
Microscópio óptico  
Mitocôndrias/os  
Mitose  
Modelo  
Moléculas de água  
Mutações/Transmutação  
Núcleo da célula/ Cérebro da célula  
Nucleótidos  
Ondas  
Operações da célula/Divisão = Replicação/ Amplificação/ Diferenciação/  
Transcrição (?)  
Ordem  
Ovo cósmico  
PH  
Polímeros/Colóides  
Potencial transmembranar  
Proteínas (Síntese das)

Protoplasma  
Quelantes ou quelatantes  
Quelatos (metais transportadores de informação)  
Radioisótopos  
Replicação ou duplicação  
Ribosomas  
Ribose  
Ribossomas  
Ritmo celular  
Ritmo/Ordem  
Segundo código genético (arquétipo)  
Sequência de recepção  
Sequência de transmissão  
Sequências repetidas ou iterativas = Genes de regulação = heterocromatina  
constitutiva = código de base 2  
Sítios de sequestração = Lugares de Sequestração  
Suporte vibratório  
Suporte vibratório/Energia Vibratória  
Teleacção ou respiração do ADN/Transfert  
Termodinâmica  
Timina  
Tioneínas  
Topologia do ADN  
Topologia do ADN  
Tradução  
Transcrição  
Transmutação  
Transportadores de metais  
Tripleto = Gene de estrutura = Código de base 3  
Uracilo  
Vírus

-----  
(\* ) ARN e ADN têm a mesma estrutura quádrupla, apenas com uma diferença: onde o ADN tem Timina, o ARN tem Uracilo

#### NÚMEROS-CHAVE

2 código na base

3 Código na base

64 tripletos

600 biliões de células

+

<reinu-6> <rosnay-1> [bodymind] - tese póstuma - gato das letras - polémica

Sábado, 27 de Abril de 2002 - Em anexo da série <reinu-> decidi transcrever o que havia num file chamado <rosnay-1> e, agora que me lembro, há um file longo que o livrinho «A História mais maravilhosa do Mundo» me incitou a escrever: espero poder encontrá-lo para anexo desta série <reinu>

#### SUBLINHADOS DO LIVRO

## «A HISTÓRIA MAIS MARAVILHOSA DO MUNDO»

Todos os organismos são feitos de carbono, hidrogénio, oxigénio e nitrogénio e a sua fonte de energia, o sol.

Joel de Rosnay

O carbono (...) pode conduzir os electrões de ponta a ponta das suas cadeias, o que de certa maneira prefigura as redes nervosas e as redes de comunicação electrónicas.

Joel de Rosnay

Outrora não se sabia que as moléculas eram feitas de átomos nem que as células eram feitas de moléculas.

Um organismo composto de células especializadas resiste melhor do que um conjunto de células idênticas, porque pode responder de diferentes maneiras às agressões do ambiente, o que lhe dá mais hipótese de sobrevivência.

Joel de Rosnay

Os sistemas monolíticos acabam sempre por desaparecer.

Joel de Rosnay

Um cristal não vive, reproduz-se mas não fabrica energia.

Joel de Rosnay

Um organismo vivo é um sistema capaz de assegurar a sua própria conservação, de se gerir a si próprio e de se reproduzir.

Joel de Rosnay

Somos verdadeiramente feito de poeira das estrelas.

Hubert Reeves

A centena de elementos atómicos que conhecemos na natureza, foram produzidos nas estrelas.

Hubert Reeves ■